

Capítulo I

Introdução. Ascendência. A Família Northup. Nascimento e Filiação. Mintus Northup. Casamento com Anne Hampton. Boas Resoluções. Champlain Canal. Excursão de Jangada ao Canadá. Agricultura. O Violino. Cozinha. Mudança para Saratoga. Parker e Perry. Escravos e Escravatura. Os Filhos. O Começo da Infelicidade.

Tendo nascido livre, e por mais de trinta anos gozado os benefícios da liberdade num Estado livre — e tendo ao fim desse tempo sido raptado e vendido como escravo, condição na qual permaneci até ser afortunadamente resgatado no mês de Janeiro de 1853, após uma servidão de doze anos —, houve quem sugerisse que um relato da minha vida e sorte não seria desinteressante para o público.

Desde o meu regresso à liberdade, não deixei de me aperceber do interesse crescente nos Estados do Norte pelo que diz respeito à Escravatura. Foram postas a circular numa medida sem precedentes obras de ficção que pretendem retratar os seus traços, tanto no que têm de mais agradável como de mais repugnante, e que, segundo me parece, criaram um tema fecundo de comentário e discussão.

Posso falar da Escravatura somente na medida em que me foi dado observá-la — somente na medida em que a conheci e a experimentei na minha própria pessoa. O meu propósito é apresentar uma exposição honesta e verdadeira dos factos: repetir a história da minha vida, sem exageros, deixando a outros o determinar se as páginas de ficção descrevem alguma vez o quadro de uma injustiça mais cruel ou de um cativo mais severo.

Até onde fui capaz de confirmar, os meus avós do lado paterno foram escravos em Rhode Island. Pertenciam a uma família cujo nome era Northup, a qual, tendo-se mudado para o estado de Nova Iorque, se estabeleceu em Hoosic, no condado de Rensselaer. Um membro dessa família trouxe consigo Mintus Northup, meu pai. Por morte desse cavaleiro, que deve ter ocorrido há cerca de cinquenta anos, o meu pai tornou-se livre, tendo sido emancipado por uma disposição do seu testamento.

Henry B. Northup, *Esq.*, de Sandy Hill, distinto advogado, e homem ao qual quis a Providência que eu deva a minha liberdade presente, e o meu regresso à sociedade da minha esposa e dos meus filhos, é um parente da família que os meus avós serviram, e da qual tomaram o nome que tenho. Pode ser atribuído a tal facto o interesse perseverante que ele teve por mim.

Algum tempo depois da libertação do meu pai, este mudou-se para a cidade de Minerva, no condado de Essex, em Nova Iorque, onde nasci no mês de Julho de 1808. Não tenho maneira de determinar com certeza quanto tempo lá residiu o meu pai. Daí mudou-se para Granville, no condado de Washington, nas proximidades de um lugar chamado Slyborough, onde, por alguns anos, trabalhou na propriedade de Clark Northup, também parente do seu antigo senhor; daí mudou-se para a quinta Alden, em Moss Street, a curta distância para norte da aldeia de Sandy Hill; e daí para a quinta que é hoje propriedade de Russel Pratt, situada na estrada que vai de Fort Edward para Argyle, onde continuou a residir até à sua morte, a qual teve lugar a 22 de Novembro de 1829. Deixou uma viúva e dois filhos — eu próprio e Joseph, um irmão mais velho. Este vive ainda no condado de Oswego, perto da cidade do mesmo nome; a minha mãe morreu durante o período do meu cativo.

Embora tivesse nascido escravo, e tivesse trabalhado sob as condições ingratas às quais a minha desafortunada raça se acha sujeita, o meu pai era um homem respeitado pela sua indústria e integridade, como muitas pessoas ainda vivas, que se lembram bem dele, estão prontas a testemunhar. Passou toda a sua vida dedicado às tarefas pacíficas da agricultura, nunca tendo procurado emprego nessas situações mais subalternas, que parecem especialmente destinadas aos filhos de África. Além de nos dar uma educação superior à comumente concedida a crianças da nossa condição, adquiriu, pela sua diligência e economia, uma qualificação como proprietário suficiente para lhe permitir exercer o direito de voto. Tomara o costume de nos falar da sua vida passada; e embora guardasse sempre os mais vivos sentimentos de simpatia, e até

de afeição, pela família em casa da qual fora escravo, jamais aceitou o sistema da Escravatura, e experimentou sempre tristeza perante a degradação da sua raça. Esforçava-se por imbuir o nosso espírito de sentimentos morais, e por nos ensinar a pormos a nossa confiança e esperança n'Aquele cujo olhar segue tanto as suas mais humildes como as suas mais altas criaturas. Quantas vezes desde esse tempo não me ocorreu a recordação dos seus conselhos paternais, quando jazia numa cabana de escravo nas regiões distantes e malsãs da Luisiana, sofrendo duramente os golpes imerecidos que um amo inumano me infligira, e ansiando somente que a sepultura que o cobria me protegesse também do chicote do opressor. No cemitério da igreja de Sandy Hill, uma modesta lápide assinala o lugar onde ele repousa, depois de ter dignamente cumprido os deveres incumbentes à esfera humilde que Deus lhe dera por caminho.

Durante este período a minha ocupação principal era trabalhar com o meu pai cuidando da quinta. As horas de ócio de que dispunha, gastava-as geralmente ou com os meus livros, ou a tocar violino — um passatempo que foi a paixão dominante da minha juventude. Foi também mais tarde a fonte do prazer que levou consolação aos seres simples com os quais compartilhei a minha sorte, e desviou por longas horas os meus pensamentos da dolorosa consideração do meu destino.

No Dia de Natal de 1829, casei com Anne Hampton, uma jovem de cor que vivia na vizinhança da nossa residência. A cerimónia efectuou-se em Fort Edward, presidida por Timothy Eddy, *Esq.*, magistrado dessa cidade, e ainda distinto cidadão local. Anne residira por muito tempo em Sandy Hill, com o Sr. Baird, proprietário da Taberna da Águia, e também com a família do Reverendo Alexander Proudfit, de Salém. Este cavalheiro fora durante muitos anos presidente da Sociedade Presbiteriana daquela localidade, notabilizando-se grandemente pelo seu saber e piedade. Anne guarda ainda grata memória da extrema benevolência e dos excelentes conselhos desse homem bom. Não lhe é possível determinar a linha exacta da sua ascendência, mas nas suas veias misturam-se os sangues de três raças. É difícil dizer se é o vermelho, o branco ou o negro que predomina. A reunião dos três, contudo, na sua origem, deu-lhe uma expressão singular mas agradável, como é raro ver outra. Embora com certas semelhanças, não se pode descrevê-la propriamente como uma *quadroon*¹, classe à qual — omiti — a minha mãe pertencia.

Deixei assim para trás o período da minha menoridade, depois de ter alcançado a idade de vinte e um anos no mês de Julho anterior. Privado do conselho e da assistência do meu pai, com uma esposa cujo sustento

dependia de mim, resolvi encetar uma vida industriosa; e apesar do obstáculo da cor, e da consciência do meu estado inferior, permiti-me agradáveis sonhos com os bons tempos que chegariam, quando a posse de uma habitação humilde, com alguns acres de terra em redor, recompensasse os meus labores, e me trouxesse os meios da felicidade e do conforto.

Desde o tempo do meu casamento até ao dia de hoje, o amor que dediquei à minha esposa foi sincero e sem quebra; e só aqueles que sentiram a ternura radiosa que um pai alimenta pela sua descendência podem apreciar a minha afeição pelos filhos queridos que entretanto nos nasceram. Tudo isto me parece apropriado e necessário expor, para que aqueles que lerem estas páginas possam compreender a pungência dos sofrimentos que fui condenado a suportar.

Imediatamente após o nosso casamento, começámos a nossa vida em comum no velho edifício amarelo que ficava então no extremo sul da aldeia de Fort Edward, o qual veio mais tarde a ser transformado numa grande casa moderna, recentemente ocupada pelo Capitão Lathrop. É o edifício conhecido pelo nome de Fort House. Os seus terrenos estiveram durante um certo período a cargo da administração do condado. E fora também ocupado por Burgoyne², em 1777, devido à sua situação próxima do velho forte, na margem esquerda do Hudson.

Durante o Inverno, trabalhei ao lado de outros nas obras de Champlain Canal, nesse sector das obras superintendido por William Van Nortwick. O comando directo dos homens em cuja companhia trabalhei estava a cargo de David McEachron. Quando, na Primavera, o canal abriu, eu estava em condições, graças ao que poupava do meu salário, de comprar uma parelha de cavalos, e outras coisas cuja necessidade era requerida pela actividade da navegação.

Tendo contratado alguns braços eficientes para me ajudarem, arrematei transporte de grandes jangadas de madeira do Lago Champlain para Troy. Dyer Beckwith e um certo Sr. Bartemy, de Whitehall, acompanharam-me em várias viagens. Durante essa temporada, familiarizei-me perfeitamente com a arte e os mistérios do transporte de jangadas — um saber que mais tarde me habilitou a prestar úteis serviços a um amo digno, e a causar estupefacção aos espíritos simples dos madeireiros das margens de Bayou Boeuf.

Numa das minhas viagens ao Lago Champlain, fui induzido a fazer uma visita ao Canadá. Rumei a Montreal, onde visitei a catedral e outros lugares dignos de interesse dessa cidade, daí continuando a minha excursão até Kingston e outras terras, obtendo um conhecimento da região

que viria a servir-me igualmente mais tarde, como se verá ao aproximar-se o termo desta história.

Tendo cumprido os meus contratos no canal satisfatoriamente para mim mesmo e para o meu empregador, e não desejando permanecer ocioso, uma vez que a navegação no canal se interrompera de novo, ajustei um outro contrato com Medad Gunn, tendo em vista o corte de uma grande quantidade de madeira. Ocupei-me desse negócio durante o Inverno de 1831-1832.

Ao regressar a Primavera, Anne e eu concebemos o projecto de nos ocuparmos de uma quinta nas redondezas. Eu acostumara-me desde os meus anos mais jovens às fainas da agricultura, que eram uma actividade de acordo com os meus gostos. Por conseguinte, encetei negociações para obter uma parte da velha quinta Alden, na qual o meu pai outrora residira. Com uma vaca, um porco, uma bela junta de bois, que comprara recentemente a Lewis Brown, em Hartford, e outras posses e adereços pessoais, mudámo-nos para a nossa nova casa de Kingsbury. Nesse ano semei vinte e cinco acres de trigo, plantei grandes campos de aveia, e comecei a cultivar a terra na máxima extensão que os meus melhores meios permitiam. Anne tratava da casa com diligência, enquanto eu labutava arduamente no campo.

Continuámos a residir neste lugar até 1834. Durante a época de Inverno, eu tinha numerosos convites para tocar violino. Onde quer que fosse que a gente moça se reunia para dançar, passei a ser uma presença quase invariável. Nas aldeias vizinhas o meu violino tornara-se famoso. Anne, pelo seu lado, durante a sua prolongada residência na Taberna da Águia, adquirira certo nome como cozinheira. Durante as semanas de reunião do tribunal e noutras ocasiões públicas, recebia um salário considerável pelo seu trabalho na cozinha da Sherrill's Coffee House.

Trazíamos sempre dinheiro no bolso quando voltávamos para casa depois de prestarmos esses serviços; assim, com o violino, a cozinha e a agricultura, em breve nos vimos numa condição de abundância, e gozando, na realidade, de uma vida próspera e feliz. A verdade é que melhor teria sido para nós termos ficado na quinta de Kingsbury; mas chegou então o tempo do passo seguinte a caminho do destino cruel que me aguardava.

Em Março de 1834, mudámo-nos para Saratoga Springs. Ocupámos uma casa pertencente a Daniel O'Brien, do lado norte da Washington Street. Nesse tempo, Isaac Taylor tinha um grande armazém, conhecido pelo nome de Washington Hall, no extremo norte da Broadway. Empregou-me para conduzir um cavalo, e trabalhei para ele, encarrega-